Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Uso indiscriminado de cremes vaginais por mulheres residentes na cidade de Belém, Pará

Indiscriminate use of vaginal creams by women living in the city of Belém, Pará

Uso indiscriminado de cremas vaginales por mujeres residentes en la ciudad de Belém, Pará

Débora Adna Oliveira de Moraes[1], Luana de Nazaré Oliveira Souza[1], Rafaela Kelley Costa Veiga[1], Maria Pantoja Moreira de Sena[1], Carla de Castro Sant' Anna[1].

RESUMO

Objetivo: Avaliar o uso irracional de cremes vaginais na população feminina da cidade de Belém, Pará. **Métodos:** Trata-se de estudo com abordagem analítica com métodos quantitativos e qualitativos, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa e realizado por meio de um questionário disponibilizado na plataforma Google Forms, no período de 01 de julho a 31 de agosto de 2024**. Resultados:** O estudo foi conduzido com 103 mulheres, com idade de 18 a 70 anos, com vida sexual ativa**.** A pesquisa indicou que 45% das participantes eram da faixa etária de 25 a 35 anos, 70% afirmaram estar em uma relação estável, 82% relataram já ter apresentado episódio de corrimento vaginal. Destas, 22% fizeram uso de medicamentos que já haviam sido utilizados anteriormente. A infecção vaginal mais prevalente foi a candidíase, presente em 55% dos casos, das quais 28% realizaram automedicação. Entre essas, 37,5% optaram pelo uso de nistatina creme vaginal, como forma de tratamento. **Conclusão:** Conclui-se que há uma prevalência de 28% em relação às mulheres que realizaram, em algum momento, a automedicação. Essa porcentagem possui um impacto bastante significativo na saúde, uma vez que o uso excessivo pode desequilibrar a flora, causar resistência microbiana e agravar infecções.

Palavras-chave: Automedicação, Candidíase, Vulvovaginites.

ABSTRACT

Objective: To assess the irrational use of vaginal creams in the female population of the city of Belém, Pará. **Methods:** This was an analytical study using quantitative and qualitative methods, approved by the Research Ethics Committee and carried out using a questionnaire made available on the Google Forms platform, from July 1 to August 31, 2024. **Results:** The study was conducted with 103 women, aged between 18 and 70, with an active sex life. The survey indicated that 45% of the participants were aged between 25 and 35, 70% said they were in a stable relationship, 82% reported having already had an episode of vaginal discharge. Of these, 22% had used medication that had been used before. The most prevalent vaginal infection was candidiasis, present in 55% of cases, of which 28% had self-medicated. Of these, 37.5% chose to use nystatin vaginal cream as a form of treatment. **Conclusion:** We can conclude that there is a prevalence of 28% of women who

[1] Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém - PA.

SUBMETIDO EM: 11/2024 | ACEITO EM: 12/2024 | PUBLICADO EM: 4/2025

have self-medicated at some point. This percentage has a significant impact on health, since excessive use can unbalance the flora, cause microbial resistance and aggravate infections.

Keywords: Self-medication, Candidiasis, Vulvovaginitis.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar el uso irracional de cremas vaginales en la población femenina de la ciudad de Belém, Pará. **Métodos:** Se trató de un estudio analítico con métodos cuantitativos y cualitativos, aprobado por el Comité de Ética en Investigación y realizado a través de un cuestionario puesto a disposición en la plataforma Google Forms, del 1 de julio al 31 de agosto de 2024. **Resultados:** El estudio se realizó con 103 mujeres, con edades comprendidas entre 18 y 70 años, con una vida sexual activa. La encuesta indicó que el 45% de las participantes tenía entre 25 y 35 años, el 70% dijo tener una relación estable, el 82% declaró haber tenido ya un episodio de flujo vaginal. De ellas, el 22% había recurrido antes a la medicación. La infección vaginal más prevalente fue la candidiasis, presente en el 55% de los casos, de los cuales el 28% se había automedicado. De ellas, el 37,5% optó por utilizar crema vaginal de nistatina como forma de tratamiento. **Conclusión:** Podemos concluir que existe una prevalencia del 28% de mujeres que se han automedicado alguna vez. Este porcentaje tiene un impacto significativo en la salud, ya que un uso excesivo puede desequilibrar la flora, provocar resistencias microbianas y agravar las infecciones.

Palabras clave: Automedicación, Candidiasis, Vulvovaginitis.

INTRODUÇÃO

O conjunto de elementos responsáveis pela homeostasia do trato genital feminino, tais como as células epiteliais vulvovaginais, acidez vaginal, bactérias comensais da microbiota vaginal, secreções glandulares, dentre outros, forma o ecossistema vulvovaginal (LIRA ÉC, 2017; FÉLIX TC, 2019).

Corrimento e odor vaginal são os principais motivos de buscas a consultas ginecológicas e suas causas podem variar em virtude dos sintomas serem semelhantes e comuns em várias patologias vaginais, tais como candidíase, vaginose bacteriana, vulvovaginites entre outras (FÉLIX TC, 2019). Esses sintomas aparecem quando há uma desordem na homeostasia do trato vaginal, promovendo condições adequadas para ação de microrganismos oportunistas. Nessa perspectiva, toda alteração na funcionalidade fisiológica desse ecossistema poderá resultar em quadro de infecções, o que poderá ser comprovado mediante exames solicitados pelo médico (FÉLIX, 2019; VASCONCELOS CNE et al, 2016).

A infecção fúngica mais recorrente é a candidíase, que faz parte da flora vaginal natural da mulher, mas pode se proliferar devido ao enfraquecimento do sistema imunológico, má higiene ou uso de antibióticos. Durante a manifestação desse fungo, os sintomas mais observados incluem coceira vaginal, corrimento branco e grosso, ardência ao urinar e vermelhidão na vulva (CARVALHO et al, 2021).

A causa mais comum de infecções vaginais é a vaginose bacteriana, causada pela bactéria *Gardnerella vaginalis*, que compromete os lactobacilos presentes na flora vaginal, facilitando a reprodução de agentes nocivos. Os principais sintomas dessa infecção incluem corrimento amarelado ou cinza, odor forte, coceira e inflamação. A vaginose bacteriana pode ser identificada por meio da coleta do corrimento para análise de bactérias e, se confirmada, deve ser tratada com antibióticos orais ou cremes vaginais (CARVALHO et al, 2021).

Os medicamentos são produtos farmacêuticos que possuem ações curativas, paliativas, profiláticas ou para fins de diagnóstico, sendo essenciais para a recuperação da saúde e bem-estar. No entanto, seu uso deve ser racional, pois a utilização indiscriminada pode levar à intoxicação medicamentosa (OLIVEIRA JFM et al, 2017).

Em consulta médica, é corriqueiro que as pacientes relatem o uso de medicamentos antes da consulta e/ou realização de exames, o que dificulta o diagnóstico adequado e consequentemente a terapia

farmacológica a ser utilizada (FÉLIX TC, 2019). Segundo dados obtidos através de uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia em 2019 por meio do Instituto Datafolha, constatou-se que essa prática é um hábito comum a 77% dos brasileiros e que a mesma se dá principalmente a partir da indicação de familiares e amigos (CRF-SP, 2019).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), no ano de 2016, estabeleceu a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) n° 98, a qual dispõe sobre critérios para a comercialização de medicamentos sem necessidade de prescrição médica (BRASIL, 2016). Alguns antifúngicos presentes nessa RDC, como os fármacos da classe imidazóis, são recomendados pelas diretrizes nacionais e internacionais para o tratamento dessas infecções, possibilitando então que a comercialização desses medicamentos ocorra sem consulta prévia e exames adequados (DANTAS LMR et al, 2016; BRASIL, 2021). Como consequência do uso inadequado desses medicamentos, os casos de resistências fúngicas vem aumentando a cada ano no Brasil e já provocam um alto nível de morbidade e mortalidade no País (LIMA RO, 2018).

Dessa maneira, o objetivo desse estudo foi investigar a ocorrência do uso irracional de cremes vaginais na população feminina que reside na cidade de Belém, estado do Pará.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal analítico descrito com abordagem quantitativa e qualitativa sobre o uso indiscriminado de cremes vaginais por mulheres residentes da cidade de Belém, estado do Pará. A coleta de dados foi realizada no período de 01 de julho a 31 de agosto de 2024. Esta se deu mediante a aplicação de um questionário estruturado na plataforma do Google Forms e divulgado por meio de aplicativos de mensagens instantâneas como WhatsApp e redes sociais.

Para a seleção das participantes, elencaram-se os seguintes critérios de inclusão: mulheres que residem na cidade de Belém, com idade igual ou superior a 18 anos, e que possuem vida sexualmente ativa. Em relação aos critérios de exclusão: mulheres que não residem na área urbana da cidade de Belém, incluindo aquelas que vivem em áreas insulares ou em municípios da região metropolitana, pacientes diagnosticadas com câncer de colo do útero e gestantes.

Inicialmente, foram coletadas respostas de 140 mulheres. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 37 participantes foram excluídas por não residirem na cidade de Belém. Portanto, a análise deste estudo foi realizada com base nas respostas de 103 mulheres.

Em todo processo de confecção deste artigo, para a elaboração de tabelas e contribuição durante o manejo estatístico, utilizou-se a plataforma Microsoft Excel e, para a disposição do texto, Microsoft Word. A interpretação dos dados foi baseada numa síntese quantitativa e qualitativa sobre o tema.

Este estudo foi conduzido em conformidade com os padrões éticos estabelecidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e com os princípios da Declaração de Helsinki. Cada participante foi orientada sobre o caráter voluntário de sua participação e sobre o direito de interromper sua colaboração a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou necessidade de justificativa.

A elas foi garantido que as informações obtidas seriam tratadas com estrita confidencialidade, assegurando o anonimato e a privacidade dos dados, em conformidade com os padrões éticos de proteção de dados pessoais e integridade científica. As pesquisadoras permaneceram disponíveis para esclarecer dúvidas ou fornecer informações adicionais, assegurando um canal de comunicação transparente e contínuo durante todo o processo de coleta de dados.

O protocolo deste estudo foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade da Amazônia, de acordo com o parecer de número 6.889.774 e CAAE de número 79911924.4.0000.5173. O consentimento informado foi obtido de todas as participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com as diretrizes éticas e regulamentações vigentes.

RESULTADOS

O estudo analisou mulheres que tiveram acesso ao questionário divulgado por meio de aplicativos de mensagens instantâneas como WhatsApp e redes sociais no período de 01 de julho a 31 de agosto de 2024, no qual foram obtidas um total de 140 respostas. Após aplicação dos critérios de elegibilidade, foram excluídas 37 respostas, uma vez que as participantes residiam fora da cidade de Belém. Diante disso, o estudo contou com um total de 103 mulheres incluídas.

A faixa etária predominante na pesquisa foi de 25 a 35 anos, representando 45,63% (47/103). Além disso, 42,72% (44/103) tinham peso entre 56 a 66 kg e 59,22% (61/103) se identificavam como cor/raça parda, conforme ilustrado na **Tabela 1**.

Tabela 1 - Características demográficas das mulheres participantes da pesquisa sobre uso indiscriminado de cremes vaginais, n= 103.

Faixa etária	Nº / %	Peso	Nº / %	Cor/Raça	Nº / %
18-24 anos	7 / 6,8 %	45-55kg	8 / 7,7%	Amarelo	3 / 2,92%
25-35 anos	47 / 45,63%	56-66kg	44 / 42,72%	Parda	61 / 59,22%
36-46 anos	38 / 36,89%	67-77kg	27 / 26,21%	Branca	31 / 30,10%
47-60 anos	9 / 8,74%	78-88kg	18 / 17,48%	Preta	8 / 7,77%
> 60	2 / 1,94%	89-99kg	5 / 4,85%		
	Total: 103	> 100kg	1 / 0,97% Total: 103		Total: 103

Fonte: Moraes DA, et al., 2025.

A maioria das mulheres entrevistadas declarou estar em uma relação estável, representando 70,82% (73/103). No que se refere à escolaridade, 37 participantes (35,93%) afirmaram ter o ensino superior completo, enquanto 21 (20,39%) relataram possuir apenas o ensino médio, como evidenciado na **Tabela 2**.

Tabela 2 - Análise do estado civil e escolaridade das participantes do estudo sobre o uso irracional de cremes vaginais, n= 103.

Est. Civil	Nº / %	Escolaridade	Nº / %
Relação estável	73/ 70,87%	Ensino superior completo	37 / 35,93%
Parceiro eventual	11/ 10,68%	Ensino médio completo	21 / 20,39%
Sem parceiro	19/ 18,45%	Ensino médio incompleto	1 / 0,98%
		Ensino superior incompleto	28 / 27,18%
	Total: 103	Pós graduação	16 / 15,54% Total: 103

Fonte: Moraes DA, et al., 2025.

Sobre métodos contraceptivos, 38,83% (40/103) das participantes relataram não utilizar nenhum método contraceptivo. Entre aquelas que utilizam, 35,92% (37/103) fazem uso de métodos hormonais, como: pílulas, injeções, dispositivos intrauterinos (DIU) e 25,24% (26/103) optam pelo uso da camisinha masculina.

Em relação ao corrimento vaginal, 81,55% (84/103) das participantes relataram já ter apresentado episódios em algum momento, enquanto 18,45% (19/103) afirmaram nunca ter tido qualquer episódio ao longo

da vida. Entre aquelas que relataram episódios, 38,09% (32/84) procuraram auxílio médico. Por outro lado, 30,96% (26/84) não tomaram nenhuma providência, aguardando a remissão espontânea dos sintomas. Além disso, 22,62% (19/84) relataram o uso de medicamentos previamente utilizados, enquanto 8,33% (7/84) optaram por banhos de assento e chás como formas alternativas de tratamento.

Quanto ao exame preventivo de colo do útero, 87,38% (90/103) das participantes informaram que o realizam uma vez ao ano, 6,80% (07/103) disseram realizar duas vezes ao ano, enquanto 5,83% (6/103) das entrevistadas relataram nunca ter realizado o exame papanicolau. Quando questionadas onde realizaram o exame preventivo, a grande maioria informou utilizar serviços privados, representando 78,65% (81/103), enquanto 17,48% (18/103) utilizam o Sistema Único de Saúde (SUS).

Em relação à incidência de algumas infecções, as mulheres entrevistadas responderam da seguinte maneira: 55,33% (57/103) das participantes relataram já ter tido candidíase, 10,68% (11/103) tiveram vaginose bacteriana, 7,77% (8/103) enfrentaram ambas as infecções, 4,85% (5/103) relataram já ter apresentado alguma infecção, mas não lembram qual, e 21,35% (22/103) não apresentaram nenhuma condição. As participantes que tiveram candidíase detalharam a frequência com que apresentaram a infecção, sendo que 64% (37/57) relataram ter tido apenas uma vez, 22% (13/57) duas vezes, 5% (3/57) três vezes e, por último, 7% (4/57) afirmaram ter apresentado a infecção mais de três vezes. Dentre essas mulheres, 71,93% (41/57) foram diagnosticadas por um médico, enquanto 28,07% (16/57) se autodiagnosticaram.

A **Tabela 3** apresenta os medicamentos em forma de cremes vaginais mais utilizados pelas participantes da pesquisa no tratamento da candidíase, contribuindo para o entendimento da farmacoterapia. A análise revela que a nistatina e a combinação de tioconazol e tinidazol foram os fármacos mais citados, ambos com 17,54% (10/57) e, em terceiro lugar, o clotrimazol, utilizado em 14,03% (8/57) dos casos.

Tabela 3 - Cremes vaginais utilizados pela população de Belém para o tratamento da Candidíase, n= 57.

Princípio Ativo	**Nº / %**	**Princípio Ativo**	**Nº / %**
Nistatina	10 / 17,54%	Tioconazol + Tinidazol	10 / 17,54%
Miconazol	2 / 3,51%	Clotrimazol	8 / 14,03%
Nitrato de fenticonazol	5 / 8,77%	Nitrato de isoconazol	1 / 1,76%
Tericin at	1 / 1,76%	Colpistatin	1 / 1,76%
2 fármacos	9 / 15,79%	4 fármacos	1 / 1,76%
3 fármacos	3 / 5,26%	≥ 5 fármacos	1 / 1,76%
Não lembra o fármaco	4 / 7,2%	Medicamento oral	1 / 1,76%
			Total: 57

Fonte: Moraes DA, et al., 2025.

Das 57 participantes que relataram episódios de candidíase, 28,07% (16/57) informaram ter realizado automedicação. Dentre essas, 31,25% (5/16) utilizaram medicamentos com base em informações obtidas na internet, 43,75% (7/16) procuraram outro profissional de saúde que não era especialista na área antes de se medicarem e 25% (4/16) utilizaram medicamentos recomendados por amigas ou familiares. Por outro lado, 71,93% (41/57) das participantes afirmaram ter utilizado medicações após consulta médica.

DISCUSSÃO

O presente estudo observou que 45% das participantes pertenciam à faixa etária de 25 a 35 anos, 70% estavam em uma relação estável e 82% relataram já ter apresentado episódio de corrimento vaginal, sendo que 20% utilizaram medicamentos previamente administrados. A infecção vaginal mais prevalente foi a

candidíase, presente em 55% dos casos, das quais 28% realizaram automedicação. Entre essas, 37,50% optaram pelo uso de nistatina como forma de tratamento.

O corrimento vaginal é uma queixa comum entre as mulheres, afetando cerca de um terço delas e sendo uma das razões frequentes para consultas na Atenção Primária em Saúde (CESAR JA et al, 2009). A presente pesquisa confirma essa prevalência, no qual 81,55% das participantes relataram já ter apresentado o sintoma. Além disso, a pesquisa investigou a frequência de realização do exame preventivo do colo do útero (PCCU) e revelou que 95,14% das participantes o realizam ao menos uma vez ao ano, indicando um cenário positivo para a prevenção em saúde. Esse exame é fundamental não apenas para o rastreamento do câncer cervical, mas também para a detecção de infecções vaginais, como candidíase, tricomoníase e Gardnerella, cujos patógenos podem ser identificados na amostra coletada (KITCHEN FL, CHRISTINA MC, 2022).

A educação em saúde desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar feminino, pois contribui para conscientização das mulheres sobre a importância de buscar atendimento médico de forma regular e adequada, prevenindo o agravamento de diversas condições de saúde. Ao estimular a procura por cuidados precoces, essa abordagem reduz significativamente o risco de diagnósticos tardios e intervenções inadequadas. Em apoio a essa afirmação, outro estudo demonstrou que a desinformação interfere diretamente na procura por assistência médica, muitas vezes atrasando o diagnóstico e o tratamento de condições infecciosas (SIMÕES RR et al, 2014). Nesse contexto, o presente trabalho sugere que a compreensão de aspectos específicos da saúde ginecológica, como a identificação de sinais e sintomas, está intimamente ligada à atitude das mulheres em relação ao autocuidado e à procura de atendimento especializado, onde 38% das participantes que apresentaram corrimento vaginal relataram a procura de auxílio profissional.

A infecção mais comum, segundo as participantes, foi a candidíase, assinalada por 55,35% da amostra, seguida pela vaginose bacteriana com 10,67%. Esse dado diverge de um estudo recente, uma vez que este considera a vaginose bacteriana a vulvovaginite mais comum entre a população feminina (ELEUTÉRIO JR et al, 2023). No entanto, esse fenômeno pode ter ocorrido devido à falta de conhecimento sobre a sintomatologia das doenças. Isso é evidenciado pelas respostas das participantes que relataram já ter apresentado vaginose bacteriana, mas que, mesmo assim, utilizaram medicamentos antifúngicos como tratamento, totalizando 63% das respostas. Esse dado não apenas indica uma confusão sobre os sintomas específicos de cada condição, mas também sugere um uso inadequado de medicamentos, o que pode agravar a condição e dificultar um diagnóstico preciso. A falta de conhecimento sobre as características distintas das infecções vaginais reflete a necessidade de intervenções educativas, com orientações detalhadas e acessíveis, que promovam o uso racional de medicamentos e incentivem a busca por avaliação profissional antes da automedicação.

A candidíase vulvovaginal é uma condição prevalente que afeta até 75% das mulheres sexualmente ativas pelo menos uma vez na vida. Dentre essas, 40% a 50% podem experimentar novos episódios, enquanto cerca de 5% a 8% desenvolvem a forma recorrente, caracterizada por quatro ou mais episódios em um curto período (SOARES DM et al, 2018). Os resultados da atual pesquisa indicam que 5,26% das participantes relataram ter tido candidíase recorrente. Embora essa porcentagem não seja alta, é relevante, pois a candidíase recorrente está frequentemente associada ao desequilíbrio da microbiota vaginal e ao manejo inadequado de cremes vaginais.

Em relação à candidíase por faixa etária, o atual estudo revelou que 47% (27/57) das mulheres entre 25 e 35 anos já tiveram candidíase ao menos uma vez, enquanto uma pesquisa realizada em Cajazeiras-PB identificou uma prevalência de 29% em mulheres de 18 a 30 anos (MUNIZ SD et al, 2023) indicando que a candidíase é frequente nessa faixa etária, possivelmente devido ao início da fase reprodutiva. Além disso, 71% (41/57) das participantes com histórico de candidíase na presente pesquisa relataram ter um parceiro fixo, em consonância com um estudo realizado no estado do Maranhão no qual 63,5% das mulheres declararam possuir parceiro fixo (SÁ MCN et al, 2014). Esses resultados sugerem que o estado civil influencia a saúde reprodutiva e a percepção dos riscos, indicando que relações com parceiros fixos podem estar associadas à menor adesão ao uso de preservativos.

Uma pesquisa realizada em uma Unidade Básica de Saúde em Porto Alegre-RS, sugere que o desconhecimento das mulheres sobre seus órgãos sexuais e saúde íntima pode estar associado a diversos fatores, incluindo o nível de escolaridade (CASTRO EK et al, 2015). A presente pesquisa constatou que 63% de participantes possuíam um bom nível de escolaridade, caracterizado por ensino superior completo ou incompleto, o que pode contribuir para um maior conhecimento sobre questões ginecológicas e práticas de saúde íntima.

É comum que pacientes sigam orientações de familiares ou reutilizem prescrições antigas para tratar infecções, mesmo quando o medicamento não é indicado para a condição atual (PAIM RS et al, 2016). O presente estudo revelou que 21,36% das participantes relataram utilizar medicamentos previamente prescritos ao apresentarem corrimento vaginal, indicando uma prática de automedicação. O Ministério da Saúde, por meio de programas e diretrizes como a Política Nacional de Medicamentos e a Política Nacional de Assistência Farmacêutica, ressaltam a importância da educação e do aconselhamento adequado sobre o uso racional de medicamentos, visando evitar a automedicação inadequada e reduzir os riscos de complicações, além de fortalecer a saúde pública (BRASIL, 2022).

Conforme os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) para a atenção a pessoas com ISTs do Ministério da Saúde (2022), o tratamento para infecções por candidíase vulvovaginal é definido em diferentes abordagens. A primeira opção terapêutica envolve o uso de Miconazol ou Nistatina em creme vaginal. Como alternativa, na segunda opção, recomenda-se o uso de antifúngicos sistêmicos, como Fluconazol ou Itraconazol, administrados por via oral. Nos casos recorrentes, o tratamento envolve tanto a administração oral de Fluconazol ou Itraconazol, quanto o uso de Miconazol em creme vaginal. Ainda de acordo com o PCDT, existem outras terapias para casos menos graves, como fenticonazol, clotrimazol, terconazol e tioconazol. Vale ressaltar que esse protocolo visa estabelecer tratamentos acessíveis à população (BRASIL, 2022). Em um questionário aplicado por Karimy et al. (2019), foi observado que 76% das participantes relataram já ter praticado a automedicação e consideravam tal prática inofensiva.

As participantes do estudo foram questionadas sobre os cremes vaginais utilizados no tratamento de infecções vaginais, podendo selecionar múltiplas opções de fármacos. Os dados indicaram que a nistatina foi o medicamento mais mencionado, seguida pela associação de tioconazol e tinidazol e pelo clotrimazol. Comparando esses resultados com o PCDT (BRASIL, 2022), observa-se que a maioria das participantes seguiu corretamente a primeira escolha terapêutica; contudo, algumas optaram por medicamentos indicados para casos menos graves, o que pode favorecer recidivas. Entre as mulheres que se autodiagnosticaram, 43,75% (7/16) utilizaram nistatina, 31,25% (5/16) clotrimazol, 18,75% (3/16) miconazol, e 6,25% (1/16) a combinação de tioconazol e tinidazol.

O uso inadequado de cremes vaginais é pouco documentado na literatura e representa uma preocupação significativa em saúde pública. De acordo com Karimy et al. (2019), a prevalência de automedicação e seu impacto negativo sobre a saúde das mulheres sugere que a falta de informação adequada contribui para o uso incorreto de produtos ginecológicos.

Na presente pesquisa, foi observado que o uso indiscriminado de cremes vaginais não condiz completamente com as evidências disponíveis na literatura; no entanto, esses dados podem estar relacionados a um padrão aceitável de conhecimento entre as participantes. A adoção de práticas de cuidado em saúde é, portanto, essencial para garantir o uso racional e seguro desses produtos, minimizando riscos e promovendo a saúde ginecológica (MEDEIROS M et al, 2022).

CONCLUSÃO

Este estudo investigou o uso irracional de cremes vaginais entre mulheres de Belém, buscando identificar os medicamentos mais utilizados, avaliar o conhecimento das usuárias e entender o perfil socioeconômico da população. Os resultados mostraram que 28% das participantes com candidíase recorreram à automedicação, o que pode levar a tratamentos inadequados, mascarar condições graves e contribuir para a cronificação da infecção, além de aumentar o risco de resistência microbiana. Essa alta incidência ressalta um risco crescente de resistência microbiana, uma vez que os tratamentos escolhidos empiricamente podem

não ser eficazes para recidivas, cujas causas podem diferir em relação aos episódios anteriores. Assim, a educação em saúde é fundamental para ajudar as mulheres a diferenciar entre corrimentos normais e patológicos, evitando a progressão de infecções e resistência fúngica ou bacteriana, um desafio crescente para a saúde pública. Apesar da alta incidência de uso indevido de medicamentos, a prevalência é menor em comparação aos tratamentos prescritos, evidenciando uma preferência por atendimento profissional e a necessidade de intervenções educativas que promovam o uso racional de medicamentos, contribuindo para o avanço do ensino e da pesquisa na saúde feminina.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). RDC n° 98 – Resolução da Diretoria Colegiada, de 01 de agosto de 2016. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 de ago. 2016. Disponível em: https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/2921766/RDC_98_2016_COMP.pdf/dcb09ea1-e222-4192-98c5-54a13426dc4a. Acessado em: 15 de setembro de 2023.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf/view. Acessado em: 19 de outubro de 2024.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Cartilha para a promoção do uso racional de medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/daf/uso-racional-de-medicamentos/publicacoes/cartilha_promocao_uso_racional_medicamentos.pdf/view. Acessado em: 16 de setembro de 2024.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Diretoria Colegiada. Instrução Normativa IN nº 86, de 12 de março de 2021. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-in-n-86-de-12-de-marco-de-2021-309013946. Acesso em: 19 de novembro de 2024.
5. CARVALHO NS, et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecções que causam corrimento vaginal. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 2021; 30(spe1):e2020593.
6. CASTRO EK, et al. Illness perception, knowledge and self-care about cervical cancer. Psicol Reflex Crit. 2015; 28(3): 483-9.
7. CESAR JA, et al. Prevalência e fatores associados ao corrimento vaginal em mulheres no extremo sul do Brasil. Rev Bras Ginecol Obstet. 2009; 31(3): 125-131.
8. CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Pesquisa aponta que 77% dos brasileiros têm o hábito de se automedicar. São Paulo: CRF-SP; abr. 2019. Disponível em: http://www.crfsp.org.br/noticias/10535-pesquisa-aponta-que-77-dos-brasileiros-t%C3%AAm-o-h%C3%A1bito-de-se-automedicar.html. Acessado em: 20 de outubro de 2023.
9. DANTAS LMR, et al. Tratamento Da Candidíase Vulvovaginal E Novas Perspectivas Terapêuticas: Uma Revisão Narrativa. Rev Pesqui em Fisioter. 2016;6(4).
10. ELEUTÉRIO JR J, et al. Diagnosis and treatment of infectious vaginitis: Proposal for a new algorithm. Front Med. 2023; 10.
11. FELIX TC. Vulvovaginite em mulheres atendidas em serviço de Atenção Primária à Saúde da Família: ocorrência e hábitos de higiene. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; 2019. 78 p.
12. KARIMY M, et al. Fatores de risco associados à automedicação entre mulheres iranianas. BMC Public Health. 2019; 19(1): 1-2.
13. KITCHEN FL, CHRISTINA MC. Role of Papanicolaou test in detecting vaginal infections: Candida, Trichomonas, and Gardnerella. J Women's Health. 2022; 31(4): 299-305.
14. LIMA RO. Uso irracional de medicamentos (automedicação). Rev Cient Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. 2018; 3(11): 80-88.

15. LIRA ÉC. Diversidade microbiana do trato genital feminino. [tese]. Manaus: Programa Multi-Institucional de Pós-Graduação em Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas; 2017. 135 p.
16. MEDEIROS M, et al. Educational interventions to promote safe use of vaginal medications. J Health Educ Res Dev. 2022; 40(3): 321-330.
17. MUNIZ SD de B, et al. Prevalência de candidíase vulvovaginal recorrente em mulheres com idade entre 18 a 30 anos em uma unidade básica de saúde no município de Cajazeiras - PB. J Biol Pharm Agric Manag. 2023; 15(1): 9-17.
18. OLIVEIRA J. F. M. et al. Tendência da mortalidade por intoxicação medicamentosa entre gêneros e faixas etárias no estado de São Paulo, Brasil, 1996-2012. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, n. 10, p. 3381-3391, 2017.
19. PAIM RSP, et al. Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. Rev Contexto Saúde. 2016; 16(30): 47.
20. SÁ, MCN., et al. Isolamento de Candida no esfregaço cérvico-vaginal de mulheres não gestantes residentes em área ribeirinha do Estado do Maranhão, Brasil, 2012. Revista Pan-Amazônica de Saúde,2014.; 5(1):25-34.
21. SIMÕES RR, et al. Educação em saúde na atenção à mulher e as contribuições da enfermagem: revisão integrativa. Rev Enferm UFPE on line. 2014; 8(Supl 2): 3767-75.
22. SOARES DM, et al. Candidíase vulvovaginal: uma revisão de literatura com abordagem para Candida albicans. Braz J Surg Clin Res. 2018; 25(1): 28-34.
23. VASCONCELOS CNE, et al. Estudo comparativo entre terapia oral e local no tratamento de corrimentos vaginais: candidíase, tricomoníase e vaginose bacteriana. Braz J Surg Clin Res. 2016; 15: 123-8.